

# O uso de desenhos de crianças na exploração do campo analítico dual<->grupal em análise de crianças

Elena Molinari<sup>1</sup>

Resumo: O entendimento de que a criança é parte de um sistema relacional complexo assegurou que todos os analistas de crianças concordassem sobre a necessidade de estabelecer uma aliança terapêutica com os pais. A dinâmica inconsciente de conflitos envolve o analista de crianças e o inclui, desde a primeira consulta, em um campo analítico que é mais próximo daquele de um grupo do que do sistema bipessoal da terapia com adultos. Com o auxílio de um exemplo clínico, a autora apresenta a hipótese de que os desenhos e as brincadeiras da criança podem ser vistos como ferramentas capazes de mapear as emoções inconscientes presentes no campo analítico que se estendem para além da dupla criança-analista. Brincadeiras e desenhos podem ser usados na relação com os pais, não com um sentido explanatório, mas como uma sonda com a qual explorar o universo das emoções inconscientes presentes no campo do grupo. As imagens ou as histórias de brincadeiras usadas nessa modalidade particular se apresentam como um caminho atraente e que é eficaz para facilitar a função alfa de cada um dos membros do grupo. Além disso, nesse sentido, criam as condições para uma situação através da qual os pais podem tomar conhecimento das suas emoções inconscientes que foram transmitidas para a criança e expressas através de sua sintomatologia. A possibilidade para o pequeno grupo de sujeitos envolvidos em uma análise de criança de oscilar em um campo dual-grupal permite não apenas uma experiência compartilhada do conhecimento mas também uma criatividade compartilhada voltada para o conhecimento da verdade emocional (O).

Palavras-chave: desenhos de crianças, teoria do campo dual-grupal, sonho, verdade emocional, mapeamento inconsciente

## Introdução

Durante as primeiras sessões de uma terapia de criança o analista se vê – mesmo antes de se encontrar com a criança – confrontado com os pais e com sua história de como tentaram entender e transformar a condição que os motivou a buscar ajuda. O entendimento de que a criança é parte de um complexo sistema de relações e de fantasias assegurou que todos os analistas de crianças,

1 Médica e pediatra. Membro titular da Sociedade Psicanalítica Italiana e membro da IPA. Professora no curso de Pós-Graduação do curso “Arte Terapia na neuropsiquiatria infantil” na Academia de Belas Artes de Brera, em Milão.

mesmo os que pertencem a diferentes linhas de pensamento, concordassem com a necessidade de estabelecer uma aliança terapêutica com os pais, e, movidos por esse objetivo, desenvolvessem diferentes técnicas para envolver a família no processo (Galatzer-Levy, 2008; Novick & Novick, 2005; Vallino, 2010).

A família investe a criança, através da sintomatologia, no papel de porta-voz de uma complexa dinâmica de conflitos. O trabalho analítico prolongado se mostrou útil para identificar o mandato inconsciente transgeracional (Badoni, 2002) com o qual restabelecer ou criar pela primeira vez momentos de sintonia enzimática emocional de uma transformação relacional de maior escala (Chazan, 2006). Ou encorajar a construção de um lugar imaginário onde essa sintonia possa surgir pela primeira vez (Vallino, 2010).

O que pretendo destacar é que a dinâmica inconsciente de conflitos pode envolver o analista a partir do momento da consulta, e imediatamente deslocá-lo para um campo analítico muito mais próximo daquele de um grupo do que do arranjo bipessoal da terapia de adultos. Particularmente, para citar um exemplo clínico, é possível entender como, por meio de brincadeiras e desenhos, a criança pode ser capaz de explorar e mapear não somente a relação inconsciente estabelecida entre ela e o analista, mas também o campo analítico estendido ali gerado.

Em minha opinião, a criança acaba sendo o membro mais suscetível do grupo, mas também aquele que pode catalisar a transformação em sonho de emoções não processadas e sentimentos que interferem em seu delicado funcionamento. Durante a análise, a criança desenvolve a capacidade de simbolizar algumas dessas dinâmicas do grupo, especialmente quando seus jogos e desenhos têm como conteúdo a família ou grupos de pessoas em relação umas com as outras. As produções simbólicas da criança são fortemente ancoradas em elementos sensoriais e estéticos e podem ser usadas como poderoso ativador de um processo transformativo no grupo.

### A “era do gelo” do sintoma

Elisa, uma criança de cinco anos, é trazida para uma consulta porque não mastiga a comida. No primeiro encontro, seus pais me dizem que Elisa não ingere nenhuma comida sólida e, na pré-escola, onde não lhe são oferecidas alternativas, ela geralmente fica em jejum. Contam ainda que a comida favorita dela é Nutella<sup>2</sup>. Gostariam que eu lhes aconselhasse, ou, melhor ainda, que lhes desse um método rápido para convencer Elisa a experimentar algo sólido.

Infelizmente, não tenho atalhos, e me limito a ouvir atentamente o relato de todas as tentativas desesperadas utilizadas pelos pais, além das sugeridas por outras pessoas, todas elas miseravelmente fracassadas. Ao final desse primeiro

2 Nutella é uma pasta de chocolate e avelã semelhante à manteiga de amendoim. [N. da T.]

encontro, e procurando dizer algo sensato, proponho algumas sessões de observação com Elisa e uma sessão adicional com eles.

Alguns dias depois, Elisa chega com seu pai e vamos juntos à sala de brinquedos:

*Elisa: “Vamos pegar o mamute [Manny<sup>3</sup>] e brincar de A Era do Gelo. Você pode pegar o Sid [a preguiça] – não, espera, você pega o Diego [o tigre-dentes-de-sabre]!” Em tom pensativo ela acrescenta: “Hum... você pode ficar com os dois”.*

*Então ela pega um boneco grande e anuncia decididamente: “Eu fico com o menino!”*

Com uma voz fraca, quase como para me dizer um grande segredo, ela sussurra: “Se você for o Diego... você não quer de verdade levar o menino de volta para os humanos, você quer matar ele!”

*Analista: Eu quero matar ele?*

*Elisa: Sim, claro – porque você está muito brava com o pai dele e agora você quer matar todo mundo!*

O pai de Elisa intervém e a repreende dizendo que ela não devia falar essas coisas. “Veja isso”, ele me diz, “ela é uma criança bastante insolente, e frequentemente quer fazer brincadeiras de meninos”.

Elisa propõe uma brincadeira inspirada no filme *A Era do Gelo*, de 2002, dirigido por Chris Wedge. No filme, um estranho trio de animais – um mamute, uma preguiça e um tigre-dentes-de-sabre – se encontra por acaso. Eles estão em uma jornada que os leva a buscar comida e abrigo diante de uma iminente era glacial. Durante a jornada, Manny, o mamute, resgata um menino, filho adorado cuja mãe morreu ao tentar salvar da ameaça de rapto. Por trás do plano está Diego, o tigre-dentes-de-sabre, que age em nome de seu grupo que havia sido dizimado por caçadores – entre os quais está o pai do menino. Motivado pela vingança, Diego deve matar o menino e por isso finge se aliar aos outros dois companheiros de viagem que pretendem devolver a criança aos humanos.

Ao refletir sobre a brincadeira, penso que Elisa pode estar com alguma dificuldade para lidar com sua agressividade, assim como, talvez, seu pai. Estabeleço a hipótese de que o pai considera a brincadeira de Elisa inaceitável, muito explícita em termos do ódio que ele, também, pode sentir por mim. Naquele momento não sei como comunicar essa hipótese de forma terapêutica e decido não dizer nada sobre o que estou pensando.

Após nosso terceiro encontro, os pais cancelam uma sessão e concordam com uma outra, mas então não aparecem. Alguns dias depois, entro em contato por telefone e a mãe me diz que, pressionada pelo marido, decidiram “mudar de método”. Fico confusa e me sinto forçada a rever criticamente o que pode ter acontecido.

3 No original (tradução para inglês), Manfred. No Brasil o personagem ganhou o nome de Manny. [N. da T.]

Todo analista de crianças tem experiência com a ambivalência que os pais alimentam em relação à terapia: se, por um lado, eles são desejosos de transformações, por outro, frequentemente pedem ao terapeuta que cure sem curar. A frequência de sessões e os preços cobrados, o início assim como o final da análise, são todos aspectos claramente entrecruzados com esses sentimentos (Bonaminio et al., 1989; Otte, 1999; Weiss, 1995).

Conto com essa atribuição pré-fabricada da responsabilidade dos pais pela interrupção, para esquivar-me da aversão que o pai provocou em mim (Grinberg, 1997). Poder usar a ambivalência e o ódio que eu também sinto por ele em particular envolveria um doloroso exame de minha contratransferência inconsciente, tarefa de alto custo emocional e que naquele momento seria impossível.

Nas semanas seguintes, a ideia dessa interrupção me obriga a refletir sobre o papel do ódio na contratransferência (Winnicott, 1947/1958). Em uma variação sobre o tema de Winnicott chego ao pensamento de que às vezes o analista pode odiar os pais antes de os pais odiarem o analista, e antes que os pais possam saber que o analista os odeia<sup>4</sup>.

Essa reversão de perspectiva possibilita que eu me incorpore mais profundamente ao processo. Imagino a terapia de Elisa como a viagem de um grupo de pessoas que estão inicialmente tentando fugir juntas do perigo de um sintoma glacial confiado à criança, e que depois tenta sobreviver ao degelo igualmente perigoso dessas emoções inconscientes que provocaram o sintoma.

## A analista-preguiça

O primeiro personagem que Elisa destinou a mim na brincadeira foi o de Sid, a preguiça. Ao assistir novamente ao filme, encontrei um diálogo entre Manny e Sid ironicamente pertinente:

*Manny: Você é especialista em seguir trilhas, certo?*

*Sid: Ei, eu sou uma preguiça – vejo uma árvore, como as folhas e esse é o fim das trilhas!*

Em meu primeiro encontro com os pais de Elisa eles me pediram explicitamente que eu fosse rápida e que lhes dissesse algo novo que pelo menos aliviasse um pouco sua ansiedade em relação ao fato de ter uma filha que era diferente de todas as outras crianças. Entre suas fantasias estava a de que Elisa teria alguma doença misteriosa – mesmo que todos os exames e testes realizados por indicação do pediatra tivessem excluído problemas fisiológicos. Confrontados com angústia tão premente, minha “não resposta” e a proposta de posteriores “incontáveis” sessões só poderiam tê-los desapontado.

4 “Sugiro que a mãe odeia o bebê antes de o bebê odiar a mãe, e antes que o bebê possa saber que sua mãe o odeia” (Winnicott, 1947/1958, p. 241).

Percebi que havia seguido os cânones teóricos de como proceder em uma consulta do tipo pais-crianças, e que havia me ancorado na ideia muito psicanalítica de que lentidão e reflexão são elementos essenciais da boa prática. Eu me defendi com uma barricada teórica que me deixou míope, o que fez com que alguns aspectos dos nossos encontros – a começar pelos espaço-temporais do *setting* – parecessem óbvios e naturais. Dessa forma, havia perdido de vista as trilhas emocionais que esses pais deixaram para trás em sua fala destinada a explicar o problema para mim (Ambrosiano, 1998).

Também é possível que minha lentidão tenha sido uma reação antecipada inconsciente à pressão provocada pelo ritmo agitado e pela sobreposição contínua e irritante do discurso desses pais. Em um determinado momento, isolei a parte do áudio de sua fala e, por alguns segundos, me peguei observando-os como se estivesse com fones de ouvido. Dentro da minha cabeça, eu escutava uma música, *Too much love will kill you*<sup>5</sup>, de Freddy Mercury. Espantei essas fantasias como sendo uma distração inconveniente e retomei a escuta.

É preciso ter grande dose de confiança na capacidade da própria função alfa para criar pictogramas de emoções inconscientes – confiança e prontidão para utilizar essas imagens a fim de “falar-como-em-sonho” (Ogden, 2007). Assim, é compreensível que esses detalhes tenham emergido em minha consciência apenas depois da interrupção.

### A analista-mamute: o peso

Situações de deficiências dos pais necessariamente reverberam no mundo interno do analista e reativam a dor e o ódio das feridas do mesmo. A identificação daí resultante, com a criança, implica que os elementos ausentes de seu ambiente, ou as atitudes de maus tratos às vezes explícitos, sejam sentidos como “odiosos”.

O risco para o analista de crianças, então, é o de se colocar em um lugar emocionalmente muito turbulento, no qual defesas são facilmente ativadas e podem se manifestar através de pensamentos críticos em relação às dificuldades educacionais dos pais ou em distanciamento indignado diante da falta de continência psíquica dos mesmos. Se não estabelecer uma vigilância muito atenta contra esse tipo de experiência, o analista corre o risco de se sentir o “salvador” da criança e, ao mesmo tempo, obrigado a repetir internamente esse diálogo:

*Sid: Vamos levá-la [a criança] de volta para eles!*

*Manny: Vamos ter certeza de que estamos entendendo um ao outro. Não fale no plural – não tem “vamos”... Na verdade, sem mim nem sequer haveria um “você”!*

5 Amor demais pode matar. [N. da T.].

Acho que deveríamos recuperar uma leveza analítica, aplicando à história dos pais o que Ferro (2005) sugeriu fazer em relação à história “real” do paciente. Se tentarmos colocar mentalmente a frase “sabe, tive um sonho no qual...” antes do que quer que o paciente relate, seremos mais capazes de escutar analiticamente a história anamnésica que o paciente nos conta. Se os considerarmos membros de um grupo e assim nos situarmos com um ponto de vista de grupo, podemos pensar que cada história, mesmo a mais real, pode também estar mapeando emoções conscientes e inconscientes presentes no campo – incluindo a emoção inconsciente suscitada pelo encontro com o analista.

Dessa perspectiva, a história de uma garotinha que jejua teria me possibilitado escutar a fome de uma “pequena parte” dos pais também. Eles estavam famintos, zangados e ansiosos para receber conselhos – ou, ainda mais, receber uma resposta elucidativa em relação a sua capacidade de ser pais.

### A analista tigre-dente-de-sabre

*Too much love will kill you* – minha mente me forneceu uma pista extremamente valiosa com a qual me orientar tanto interna como externamente. Se eu pudesse ter escutado minha reação de incômodo como resposta às agitadas explicações dos pais, teria intuído que, no meu coração, eu já havia me identificado com essa menininha cujas capacidades de oposição despertaram em mim uma enorme simpatia. Pensei com satisfação que ela tinha sido capaz de resistir a chantagens da pior espécie e uma parte secreta de mim a admirava e era sua fã. Elisa era capaz de compreender e defender minhas queixas da infância e essa identificação até mesmo modificou minha percepção do som das palavras. Desse modo, ouvia as palavras dos pais como se estivesse com fones de ouvido – isto é, como se fossem um pouco mais que um ruído de fundo, assim como uma criança frequentemente escuta a fala do adulto. Dessa posição favorável de identificação com a criança, mesmo que de forma ainda não consciente, devo ter começado a sentir um certo ódio daqueles pais.

Não atuar diante de seus sentimentos é um resultado do treinamento analítico, mas aprender a usar esses sentimentos e especialmente a transformá-los em palavras que não causem danos, é sempre uma tarefa criativa a ser buscada quando se está iniciando. Eu havia partido do pressuposto de que a mãe era mais capaz de observar Elisa e de fazer conexões com as emoções que a criança podia sentir. Já o pai me importunava – tanto em nossas conversas quanto nas sessões de brincadeiras com Elisa – com perguntas sobre como podiam enganar Elisa: “O que você acha de comprarmos um liquidificador que pique a comida mas não a liquიდifique exatamente? O que você acha da marca

‘Bimby’<sup>6</sup>? E que tal se usarmos pedaços de pão mergulhados em líquido mas não completamente dissolvidos?”

Não fui bem-sucedida em tentar contê-lo. Igualmente não conseguia pensar e, tanto nas sessões quanto em nossas conversas, apenas tentava chegar ao final do horário com dignidade e garantir um novo encontro na esperança de estar em melhores condições numa próxima vez. Nas sessões, poderia também ter dito algo “liquefeito” como ele havia sugerido, ou poderia ter jogado no liquidificador de palavras um pedacinho – parcialmente escondido – de interpretação do meu ódio e do dele também.

Nas sessões de observação compartilhada, a mãe de Elisa nunca estava presente devido a imprevistos em seu trabalho. Do ponto de vista de um grupo – o que depois da interrupção pude entender mais claramente –, me perguntei se essa ausência poderia também ser um sinal da falta dos meus próprios aspectos maternos capazes de uma verdadeira aceitação de emoções difíceis sem o subterfúgio de um “trabalho analítico”.

### **Aprendendo a ser um bando**

*Diego: Por que você fez isso?*

*Manny: Porque é isso o que se faz nos bandos.*

O curto diálogo citado acima contém vestígios de uma transformação do ódio que, no filme, sustenta a incumbência dada ao tigre de matar a criança. Etologicamente um bando se define como um tipo de grande família composta pelos dois sexos. O bando se desloca, caça e se alimenta junto e todos os membros cooperam na defesa e nos cuidados das crias.

Com um pouco de imaginação, a terapia de crianças pode ser entendida como tendo o objetivo de apoiar uma criança em dificuldades e é composta de um “bando” de adultos que tenta aprender a cooperar entre si. Deliberadamente uso a palavra “bando” porque, em terapia, além das pessoas que formam um pequeno grupo, outros estão presentes em fantasia: irmãos e membros de gerações antecessoras (e talvez de futuras).

A interrupção do tratamento e a única e enigmática explicação que me foi dada – isto é, a necessidade do pai de “mudar de método” – voltavam sempre a minha mente, pressionando-me a achar, criar uma hipótese explicativa. Após alguns meses, a mãe me ligou novamente, dizendo que eles tinham decidido voltar porque Elisa pedira de presente de aniversário a mesma casinha de madeira que tenho em meu consultório. Essa possibilidade de compartilhar novamente uma “casa” ou um lar comum foi um presente para mim também.

Os pais de início aceitaram uma terapia duas vezes por semana para Elisa, assim como um encontro mensal com os dois. Assim, foram eles mesmos

6 Linha de acessórios para cozinha da empresa alemã Vorwerk. [N. da T.]

que encontraram o “método” para continuar e trouxeram para nosso reencontro um desenho de Elisa com o qual me mostrariam como ela os tiranizava (ver figura 1).



Figura 1: Quarto do pai

Eles me explicaram que Elisa desenhava a ela mesma deitada no lado do pai na cama grande, e que isso acontecia com frequência da seguinte forma: enquanto eles não concordassem que ela tomasse posse da cama deles, Elisa não dormiria. Seu pai me contou que a luminária do desenho fez com que ele se lembrasse de uma atração de circo na qual um homem atirava facas em uma pessoa viva e, em um certo sentido, Elisa estava apontando facas para ele, realmente matando-o, com aquela fixação na questão da não mastigação.

Olhei para o desenho e pensei que um aspecto infantil de todos nós havia ocupado o campo de forma dominante. Na mãe, com suas costas voltadas para o lado, vi a tristeza e a fúria sarcástica despertadas em mim pelo sentimento de ser rejeitada. A exclusão de aspectos maternos, como mencionei, já havia entrado no campo com a ausência problemática da mãe durante nossas sessões de observação compartilhada. Mas agora, por intermédio do desenho, o problema da exclusão tornou-se algo que pertencia a cada um de nós. No desenho, Elisa tornou possível essa maior consciência emocional através do aspecto formal de sua composição.

Pensei que no fundo do ódio – envolvido na exclusão – há sempre um sentido de ser empurrado para as margens. Elisa cuidadosamente evitava o movimento de empurrar a comida para um lado de sua boca e entre seus dentes



quase como se procurasse a expressão motora para uma sensação emocionalmente dolorosa.

Falamos sobre o desenho de forma simples, usando a capacidade expressiva de Elisa para compartilhar – cada um a sua maneira – fragmentos de consciência de que os vínculos mais primitivos são os do corpo, e de que seu afrouxamento pode produzir um padrão de ódio muito intenso (Bleger, 1967).

A associação com o atirador de facas feita pelo pai pareceu conter algo inquietante, algo mais radical do que as vicissitudes normais que acompanham a relativa exclusão da criança da dupla parental. Algo daquelas facas ficou manifesto através do corte radical com que a terapia havia sido interrompida antes mesmo de nascer.

Disse a eles que talvez Elisa se sentisse no quarto deles como se estivesse no jardim do Éden – até o dia em que duvidou de sua acolhida incondicional, ou até que eles se sentiram capazes de minimizar essa tirania. Em retrospecto, posso imaginar que minha referência ao Éden foi uma forma de aludir a algo de um ponto muito inicial do desenvolvimento.

Enquanto a dificuldade que nós adultos tínhamos em nos relacionar havia ficado clara com a interrupção do tratamento – na base da qual parecia haver um sentimento de ódio que era em parte recíproco –, o sintoma de Elisa expressava uma emoção mais primitiva do que o ódio. O bloqueio relativo à mastigação pode ter sido o sintoma de um amor tão voraz que levava a criança, em fantasia, a temer destruir o objeto, como acontece nos distúrbios esquizoides (Fairbairn, 1952). A projeção desse tipo de amor resulta em um modo voraz de funcionamento que, ao mesmo tempo que ameaça devorar o sentido de *self*, nega as necessidades orais (Goldberg, 1995; Guntrip, 1968).

O que começou a ficar evidente para mim, considerando o ponto de vista do grupo, era que estávamos em uma situação na qual a investigação psicológica havia provocado o surgimento de um sistema protomental situado em um estado indiferenciado entre o físico e o mental, e dessa matriz nasceram (Bion, 1961) os pressupostos básicos que dominaram o início da terapia.

Disse aos pais que os desenhos de Elisa provavelmente continham tanto uma semente de desenvolvimento (implícita nos personagens) como traços de uma ansiedade que fez com que todos se sentissem mal. Naquele ponto eu não sabia como dizer algo mais a eles. Ao final do encontro, contudo, tive a clara sensação de que havia sido criada uma situação de comunicação, e comentei que esse “método” de pensar juntos parecia intenso para mim, e que, se Elisa fizesse outros desenhos da família, eu também os compartilharia com eles.

No encontro seguinte, que aconteceu cerca de um mês depois, mostrei a eles um desenho que Elisa fez em uma sessão (ver figura 2).

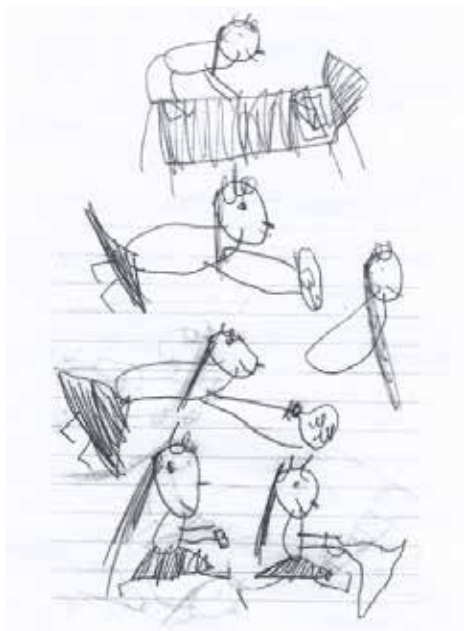


Figura 2: Pais no trabalho

Elisa me explicou que, nesse desenho, ela tinha retratado os pais trabalhando: seu pai estava curvado sobre a escrivaninha; sua mãe fazia o trabalho da casa e na parte de baixo do desenho aparecia correndo para comprar Nutella. Nessa sessão, pensei que Elisa estava representando vários níveis de seus sentimentos: o prazer de tyrannizar sua mãe através da comida; sua crescente percepção de que era capaz de se movimentar psiquicamente de duas maneiras (uma mais reflexiva e outra mais orientada para atuação); a dureza de experimentar o desaparecimento do outro, ou simplesmente a separação, transmitida no desenho pela dificuldade de retratar a mãe quando esta estava saindo. Além disso, o desenho também podia representar as duas modalidades nas quais Elisa podia nos perceber “estando lá” e “não estando lá” dentro do processo analítico.

Na sessão, eu tinha usado precisamente essa insegurança incomum em Elisa expressa no desenho para dizer que, quando ela se sentia deixada sozinha – como por exemplo quando seus pais a deixavam na pré-escola para trabalhar – podia ser que ela sentisse raiva e a raiva era algo que contrariava todas as regras, ou, em certos momentos, podia provocar o surgimento de um desejo de apagar tudo. Elisa escutou essa interpretação chamando atenção para o fato de que, no desenho, sua mãe estava saindo para comprar Nutella.

Nesse trabalho com Elisa, segui a técnica clássica da relação dual e então voltava muitas vezes durante a terapia a interpretar através de brincadeiras, o desenho e a interação dos aspectos emergentes de suas dificuldades psíquicas. O

que eu pretendo destacar nesse estudo é como o trabalho de grupo contribuiu para o reconhecimento de dificuldades psíquicas de cada um de seus membros.

Não usei esses desenhos (figura 2) com os pais para mostrar o que acontece em análise, embora compartilhar algo que se passa na intimidade da relação analítica entre analista e criança possa aliviar um sentimento de exclusão dos pais. Meu propósito ao mostrar os desenhos de Elisa foi o de dar continuidade ao processo de conhecermos uns aos outros iniciado entre nós como um grupo. O título “Pais no trabalho” dado por Elisa ao desenho me parecia significativo devido a seu possível uso dentro desse método que estávamos explorando. Disse aos pais simplesmente que Elisa os via assim quando eles estavam trabalhando.

Os pais começaram a falar sobre seu trabalho e pareceram consolados pela maneira como eu levei em conta seus esforços consideráveis e suas obrigações como pessoas e como pais. A mãe tinha pensado que Elisa a havia desenhado tropeçando porque isso era algo que acontecia muito frequentemente. Quase tangencialmente ela disse que o sintoma de Elisa a tinha feito “tropeçar como mamãe”. A essa altura ela começou a falar bastante aflita. Disse que uma vez, quando era pequena, tropeçou e acidentalmente matou um pintinho. Contou como tinha quebrado seu pescocinho e sentido um terror indescritível. Na ocasião ela fugiu, chorando, e se escondeu por horas; não ousou confessar seu crime para ninguém. Desde então, ficara obcecada com a ideia de tropeçar, e quando Elisa era menor, e ela a carregava no colo, sempre sentia medo de cair e machucá-la.

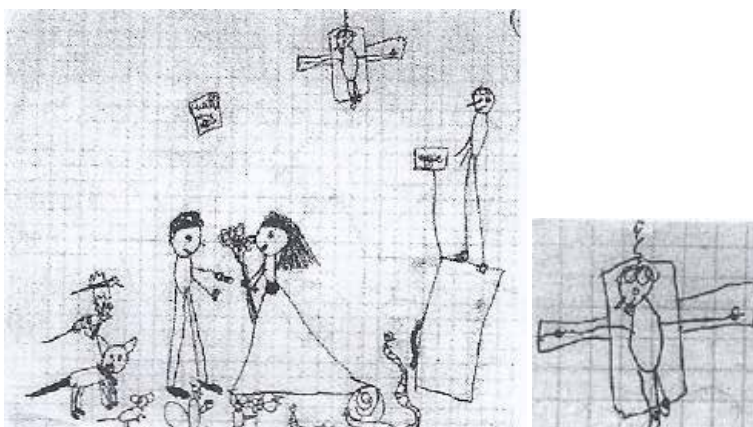
Pensei que essa mulher estava começando a ser capaz de dizer algo sobre a dificuldade e o ódio que uma criança provoca em toda mãe. Para mim, seu depoimento sobre isso pareceu particularmente fortalecedor das ligações que ela tinha conseguido expressar entre aspectos perceptivos, sensações corporais e emoções. Sua memória havia produzido uma narrativa reveladora de uma experiência que pode provocar ódio: um sentimento de perda de equilíbrio e uma percepção catastrófica de suas consequências. É possível que esses pais estivessem tentando me fazer entender emocionalmente como eles se sentiram pressionados por mim no início (como crianças em nossa história), e como minha exclusão tinha sido a única estratégia para uma salvação temporária.

Para aliviar o clima denso de dor que havia sido criado, o pai se lembrou que, em uma brincadeira da infância, tinha organizado o enterro de alguns animais mortos. Contou então que seus colegas da escola primária encenaram o enterro, em um intervalo, de uma vespa que as próprias crianças mataram durante uma aula.

Tive a impressão de que os pais estavam no fundo intuindo algo sobre a emoção subjacente ao sintoma de Elisa, e participei emocionalmente de suas histórias, mas sem o objetivo de interpretar antes que um sentido compartilhado surgisse. Quando trabalhamos com aspectos esquizoides em vez de aspectos neuróticos da personalidade, é adequado esperar que o paciente encontre um

sentido: a interpretação que é fruto da habilidade e da experiência do analista, nesses casos acaba sendo sistematicamente recusada e destruída (Winnicott, 1963/1965). Acho que, nessa fase, como Neri sugere, a tarefa do analista deve ser a de criar uma sintonia emocional e “valorizar o fato de que os membros do grupo estão se unindo em torno do núcleo em desenvolvimento” (2002, p. 392).

No encontro seguinte, os pais disseram que tinham comemorado o aniversário de casamento e que Elisa havia pedido para ver o álbum da cerimônia. Então ela fez um desenho (ver figuras 3, 3a, 3b).



Figuras 3 e 3a: Casamento dos pais e detalhe da figura 3



Figura 3b: Detalhe da figura 3

Duas ampliações dos detalhes do desenho foram incluídas para demonstrar como as representações de raiva e morte se tornaram possíveis para Elisa em relação à mesma capacidade que estava sendo desenvolvida em seus pais. Essa representação veio junto com a possibilidade de representar o vínculo amoroso também.

Os pais comentaram especialmente sobre a paixão de Elisa pelos animais e sobre como havia sempre algo incomum em seus jogos e desenhos, como nesse caso. Observamos atentamente os diversos animais que ela desenhou e, com cada um, os pais fizeram um tipo de exercício de associação livre. Na verdade não achei que os animais fossem de todo inapropriados; pensei novamente na brincadeira inicial de *A Era do Gelo* – uma brincadeira que Elisa frequentemente evocava inspirada tanto pelas sequências do filme quanto pela introdução de muitas de suas próprias variações fantasiosas. Inicialmente, a ideia de um bando de animais me ajudou a focar na natureza grupal de nossa relação e continuou a ser um elemento muito útil para a observação de como o trabalho onírico pode reunir uma multiplicidade de emoções tanto no nível intrapsíquico como no intersubjetivo.

Com ênfase nessa representação de um grupo de animais, entre os quais havia uma cobra, fui levada a falar sobre como alguma coisa intuitiva os levou a buscar ajuda para o sintoma de Elisa. Disse a eles que eu tinha lido em uma ocasião que, durante a Primeira Guerra Mundial, a bordo dos submarinos antigos e rudimentares, um marinheiro podia localizar um navio que se aproximasse colocando uma chave inglesa na boca com uma extremidade entre os lábios e a outra encostada na parede da embarcação. Aqueles marinheiros sabiam como escutar com seus sentidos, e nós teríamos que tentar fazer o mesmo, de dentro de nossos próprios conflitos pessoais, para poder começar a entender não somente algo sobre o sintoma de Elisa, mas também sobre o que nos desapontou reciprocamente no início da terapia.

Os pais e eu continuamos a compartilhar, uma vez por mês, nossas observações sobre os desenhos, ou, às vezes, sobre o enredo de uma brincadeira que Elisa havia criado comigo, com o mesmo método aqui descrito. Os desenhos ou o enredo da brincadeira nos permitiram realizar uma exploração menos defensiva e alcançar uma sintonia maior com as emoções e sensações presentes em cada membro do grupo.

Bem mais tarde na terapia (que depois de um ano passou a ser uma análise de três sessões por semana), conheci alguns detalhes da história pessoal dos pais que me fizeram pensar sobre os desenhos iniciais da menina e seu sintoma de uma nova forma: uma sensacional condensação de um mandato inconsciente. Como escreve Kaës, o inconsciente não está inteiramente contido nas fronteiras do espaço psíquico do indivíduo. O espaço psíquico da conexão é outra área do inconsciente, um tipo de inconsciente que apenas o grupo consegue fazer emergir (Kaës, 2009).

A mãe me disse que ficou sabendo que estava grávida no sexto mês de gestação, e que, ao ser informada pelo médico sobre a origem dos movimentos internos estranhos que estava sentindo, trancou-se no quarto e tentou se livrar da criança batendo violentamente em seu abdômen com os pulsos. A questão do assassinato do menino na brincadeira inicial e a crucificação que dominava o

desenho do casamento dos pais podem ser consideradas pistas para um aspecto letal negado, inicialmente incorporado por Elisa em sua recusa a se alimentar – isto é, mastigar como um rasgar em pedaços simbólico.

A dificuldade da mãe em aceitar sua gravidez provinha, por sua vez, de um relacionamento muito problemático com a mãe dela e um igualmente difícil relacionamento com seu marido que havia se separado de uma parceira anterior exatamente na ocasião da concepção de Elisa. Ele reagira ao nascimento com uma fase de severa dependência alcoólica.

Essas graves dificuldades de relacionamento emergiram gradualmente sempre através das associações livres deflagradas pelos desenhos de Elisa. Acima de tudo, eram os elementos formais dos desenhos (às vezes a composição, às vezes as cores ou algum detalhe) que encorajavam o surgimento de conteúdos pessoais conscientes e inconscientes. Esses conteúdos vinham à tona inicialmente de maneira indireta, começando através de uma sensação, como aconteceu com a história do pintinho assassinado de que a mãe se lembrou, até uma súbita tomada de consciência de seu medo de cair. Essa lembrança, que também era um sonho acordado capaz de monitorar as emoções inconscientes presentes no campo intersubjetivo, surgiu com as interpretações da mãe de um sinal oblíquo com o qual Elisa tentou dar forma a sua fuga.

Essa participação conjunta “promoveu” – no sentido etimológico de “impelir para adiante” – o aparecimento de aspectos não pensados e não pensáveis e de alianças inconscientes presentes entre os membros do grupo. Como define Kaës (2009), alianças inconscientes permitem que os membros do grupo possam reforçar, em cada um, alguns dos processos, ou funções, ou estruturas patológicas dos quais eles se beneficiam para sua própria estabilidade psíquica. O grupo familiar, ligado dessa forma por um pacto negativo, era capaz de manter sua realidade psíquica com a condição de submissão recíproca dos membros que o firmaram.

Com relação à interrupção inicial, pode-se levantar a hipótese de que havia a necessidade de recrutamento de um novo membro para o grupo, mas esse novo membro foi imediatamente declarado perigoso para o equilíbrio psíquico do próprio grupo. Para sair de uma situação inconsciente desse tipo, tivemos que considerar a possibilidade de fazer uso dos desenhos de Elisa, aplicando o método da “visão binocular” de Bion, que nos permite ver como “os fenômenos mentais constantemente apresentam dois lados ou duas faces das relações individuais e das relações do grupo, cada uma delas se manifestando em dois campos opostos e sendo ao mesmo tempo ligadas” (Corrao, 1971, p. 9)<sup>7</sup>.

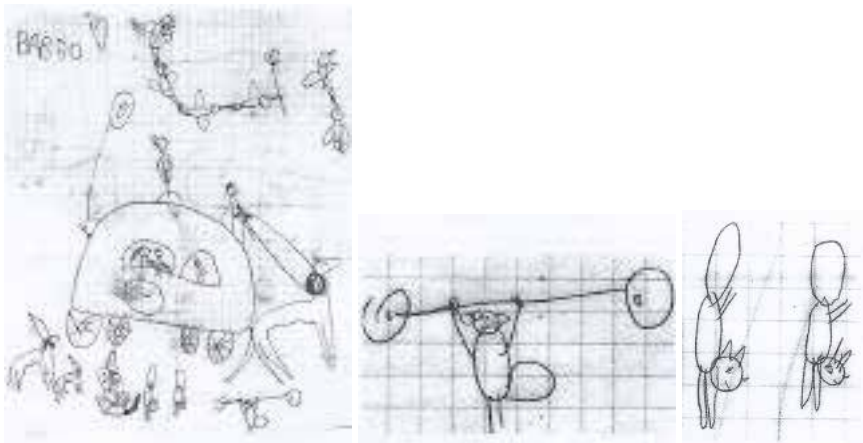
Pareceu-me que a forma do desenho desempenhou importante papel por dois motivos: o primeiro era que condensava, como em um sonho, elementos do inconsciente desse grupo, incluindo as experiências conscientes e inconscientes do analista. O segundo se relaciona com a forma icônica que mantinha, nos

7 Trecho traduzido por Gina Atkinson da edição em inglês.

desenhos da criança, um contato intenso com experiências corporais, inclusive aquelas inconscientes que foram incorporadas.

Esse último aspecto desempenhou um papel fundamental na possibilidade de conhecer os fenômenos protomentais que, nascidos em um sistema no qual o físico e o mental existem em estado indiferenciado, aparecem no grupo como sentimentos distintos, apenas ligeiramente correlacionados. Bion (1961) lançou a hipótese de que pode ser exatamente dessa matriz, partindo de um pressuposto básico, que os próprios estados emocionais se originam; esses estados reforçam, permeiam e, em alguns casos, dominam a vida mental do grupo.

Apresentarei agora um último desenho, de uma fase mais adiantada da terapia, para demonstrar como essa composição em dois níveis, dual e grupal, pôde construir um espaço capaz de receber relações menos conflituosas. Durante uma sessão, Elisa desenhou a viagem que tinha feito com seus pais para vir até meu consultório. Ela retratou o carro de forma intermediária entre realidade e fantasia; primeiro disse que seu pai dirigiu e que ela e sua mãe estavam no banco traseiro. Depois acrescentou um cocheiro, transformando o carro em uma carruagem (ver figura 4).



Figuras 4 e 4a: Viagem para o analista e detalhe da figura 4

Então se dedicou a desenhar vários animais. A qualidade circense de alguns dos animais retratava um sentido de dificuldade, mas também a reviravolta na perspectiva com a qual Elisa estava sendo confrontada. O gato com suas patas no ar em posição de confiança, e o vínculo entre os pequenos pássaros que formavam uma corrente sobre a carruagem – como a representação de vários casais de animais –, podiam ser a expressão gráfica de uma nova capacidade psíquica de fazer ligações (L). O cabresto no cavalo representava, talvez, essa

nova capacidade juntamente com a dificuldade de continência de aspectos ambivalentes.

Quando olhei novamente esse desenho junto com os pais eles disseram que ali Elisa havia desenhado a família toda. O pai relacionou o desenho atual com um anterior, do quarto do casal, porque o fez pensar no filme *Robin Hood*, que ele tinha visto alguns dias antes com Elisa, no qual se vê um cartaz de “Recém-Casados” ao final. Ele disse também que, agora, em relação à época em que foi feito esse primeiro desenho, Elisa se sentia melhor com eles. Pareceu-me que a expressão “Recém-Casados” podia ser a forma com a qual o pai expressava essa nova sintonia emocional, assim como uma nascente capacidade de estar juntos. A viagem para me ver estava representada no desenho e a evocação daquele primeiro encontro trouxe a minha mente o início tempestuoso dessa terapia.

O macaco que segura uma pesada barra de pesos sobre a cabeça me fez reviver o esforço que fiz para garantir que minha curiosidade prevalecesse sobre o peso esmagador de um ódio presente na sessão, mas com o qual eu havia lutado arduamente depois também. A natureza de certa forma acrobática com a qual alguns dos animais foram representados me fez lembrar de como o pai tinha associado a luminária do primeiro desenho de Elisa com o número circense do atirador de facas. Agora as associações livres que surgiam eram não apenas menos carregadas de ansiedade, mas também mais afinadas com a representação de Elisa.

Nos gatos desenhados com as cabeças voltadas para baixo, os pais viram a teimosia de Elisa: em muitas situações da vida, ela queria fazer exatamente o contrário do que eles propunham. Nesse ínterim, contudo, o ódio havia passado do corpo para a relação e Elisa comia agora em pequenos pedaços.

### **Scrat e a noz fugidia**

Scrat é um personagem secundário no filme *A Era do Gelo*; ele é um esquilo-rato obcecado pela ideia de pegar e armazenar nozes que continuamente escorregam de suas mãos, o que faz com que ele embarque em perigosas aventuras. Esse personagem, a uma determinada altura, entrou na brincadeira que Elisa me propôs, inspirada pelo filme.

Dois aspectos da presença de Scrat me chamaram a atenção: o primeiro me fez perceber como eu também muitas vezes vivera a experiência – especialmente no início da terapia – de ter algo em minhas mãos que era emocionalmente precioso e útil e, no instante seguinte, esse sentimento voltara a ser informe, impensável. O segundo aspecto diz respeito à lembrança de que Nutella era a comida que redimia Elisa nos momentos de jejum mais persistentes. Nutella é uma palavra composta de “Nut” e o sufixo “ella” que, em italiano, é usado em



muitos vocábulos que se relacionam com família e comida. Elisa e eu, cada uma a sua maneira, buscávamos agarrar a noz emocional que nos impedia de formar um grupo. O personagem Scrat retrata precisamente como é difícil agarrar um elemento profundo de verdade emocional enraizado em uma experiência que nunca assume uma forma definitiva (Bion, 1970).

A parte mais fugidia da dificuldade de relacionamento que ambas sentimos, uma em direção à outra, tinha a ver com o nível emocional próximo ao recolhimento e à morte. Esse nível era de alguma forma expresso na linguagem corpórea do sintoma de Elisa. Normalmente, quando alguém come, segura a comida com os lábios, a tritura em pedaços com os dentes e a gira com a língua e, somente após um certo tempo de contato, o alimento é empurrado para o estômago. Em contraposição, Elisa fazia sua comida desaparecer dentro dela sem contato perceptivo e quase sem nenhum movimento a não ser o de engolir. Dessa forma, Elisa expressava não apenas sua atitude de oposição, mas também a parte mais profunda do ódio ligado à passividade que sugere uma aniquilação da percepção, próxima da morte psíquica (Hellman et al., 1972). No grupo, por outro lado, esses aspectos primitivos de não contato foram demonstrados pela interrupção das sessões – isto, é, com o súbito desaparecimento dos elementos potencialmente nutritivos inerentes à capacidade de pensar juntos.

O que pretendo enfatizar é como o conhecimento, pelo menos em parte, desse nível de verdade emocional pode surgir tanto do contexto de uma investigação individual de cada um dos sujeitos da análise quanto de uma tarefa emocional do grupo. Na verdade, o trabalho com os pais não se posiciona – como acontece às vezes – como um aspecto complementar da terapia com a criança, mas como um trabalho paralelo e de igual peso. A oscilação dual-grupal (Corrao, 1998) possibilitou a transferência de aspectos específicos do processo de uma modalidade de análise para outra, com o efeito de estabilização e de aceleração do processo terapêutico.

### **Reduzindo a diferença entre a terapia da criança e a relação com os pais**

No modelo do campo (Baranger & Baranger, 1961-62; Corrao, 1989; Grotstein, 2004; Ferro, 2008), o trabalho analítico tem o objetivo de ampliar o campo em si com o aumento na capacidade de trabalho onírico de cada um dos sujeitos da análise. O envolvimento gradual dos pais na terapia de crianças é uma prática cada vez mais comum, e daí a hipótese de que o campo analítico não seja bipessoal (analista-criança), mas inclua todos os membros do grupo familiar.

O que permanece inexplorado, contudo, é o método para continuar – depois da sessão – a compartilhar com os pais o nível de atenção criativa experimentada na brincadeira quando, por escolha ou por necessidade, as sessões

de brincadeiras não são mais conjuntas. A descoberta de que a brincadeira de Elisa continha traços de um de meus sentimentos contratransferenciais em relação a seu pai me levou a levantar a hipótese de que os desenhos, assim como a brincadeira, também podem ser considerados uma ferramenta com a qual mapear as emoções presentes em um campo analítico que se estende para além da dupla analista-criança. Os desenhos, então, foram utilizados como sonda para explorar o universo de emoções concentradas no campo, mais do que em um sentido explicativo.

Os desenhos de Elisa mostraram ser um caminho eficiente e atraente de promoção da função alfa de cada um dos membros do grupo, e, nesse sentido, funcionaram como possibilidade de os pais tomarem conhecimento das suas próprias emoções inconscientes que haviam sido transmitidas a Elisa e expressas através de sua sintomatologia. As associações, lembranças e fantasias que surgiram em volta dos desenhos nos permitiram desenvolver uma capacidade nova e inesperada de “brincar” com imagens no pequeno grupo, sem a necessidade de que seus membros fossem diretamente interpretados como sujeitos individuais (Altman, 2000). Exatamente como acontece em análises de crianças, nas quais a brincadeira é um processo reparador, gerador de uma transformação psíquica do *self* (Frankel, 1998; Hopkins, 2000; Sugarman, 2003), esse método de utilização de desenhos com os pais possibilitou a efetivação de *uma relação dotada de fatores terapêuticos específicos e não específicos*.

Em particular, os desenhos, especialmente no início, fizeram com que os pais se sentissem afetivamente em sintonia com sua filha, mantendo no plano de fundo os aspectos mais ambivalentes da relação comigo e evitando que eles fossem atuados muito diretamente. O trabalho com o grupo pequeno, no qual Elisa estava presente através de suas produções, permitiu o agrupamento gradual dessas protorrepresentações, intencionalmente não interpretadas em relação a Elisa e deixadas de forma não saturada até que pudessem ganhar um sentido comum. A construção de um sentido pessoal para cada membro se deu através da junção de suas próprias cadeias associativas com as dos outros participantes.

De um ponto de vista mais teórico, cada membro do grupo pôde experimentar tanto uma forma de segurança afetiva pela investigação de seu entendimento subjetivo do desenho (transformação em K) quanto a exploração de uma verdade emocional mais inquietante através de uma experiência de criatividade compartilhada (transformação em O). A eficácia desse método, em minha opinião, está na possibilidade de não expropriar a capacidade dos pais de entender a eles mesmos na relação com a criança e de aumentar sua capacidade imaginativa e associativa – isto é, resumidamente, sua capacidade de brincar e sonhar emoções não pensadas e inconscientes.

As imagens formadas no campo, iniciadas pelos desenhos de Elisa, alcançaram um tipo de composição estética ao final do encontro, assim como

acontece quando um grupo de artistas se dedica a uma obra de arte compartilhada. Uma experiência artística pode ilustrar o que pretendo dizer.

Em 1974, Susan Hiller, uma artista conceitual inglesa, envolveu um grupo de colegas no registro de seus sonhos durante um mês, para desenvolver uma forma pessoal de “registro gráfico” de sonhos sem fazer uso da forma narrativa. Durante os três últimos dias de trabalho, os diferentes documentos foram usados para desenhar coletivamente o “mapa de sonhos” do grupo, que se tornou a representação do sonho coletivo da noite anterior (ver figura 5).

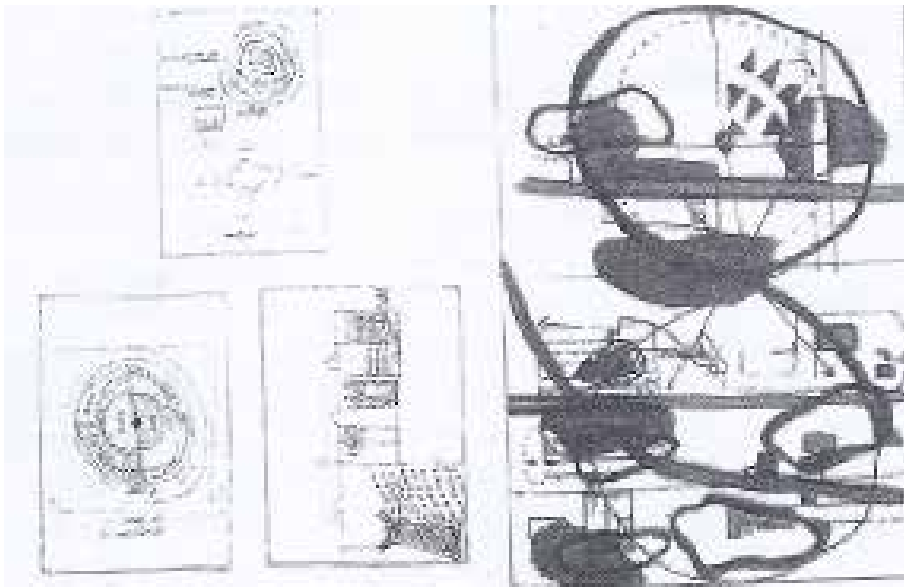


Figura 5: Mapas de sonhos individual e grupal

**La utilización de dibujos de niños para explorar el campo analítico dual<->grupal dentro del análisis de niños**

Resumen: La comprensión de que el niño es parte de un sistema relacional complejo aseguró que todos los analistas de niños pasasen a concordar con la necesidad de establecer una alianza terapéutica con los padres. La dinámica inconsciente de conflictos envuelve al analista de niños y lo incluye, desde la primera consulta, en un campo analítico que se corresponde más con el de un grupo que con el de un sistema bipersonal como lo es el del análisis de adultos. Con

auxilio de un ejemplo clínico, la autora presenta la hipótesis de que los dibujos y juegos de los niños pueden ser vistos como herramientas capaces de mapear las emociones inconscientes presentes en el campo analítico que se extienden para más allá de la dupla niño-analista. Juegos y dibujos pueden ser usados en la relación con los padres, no con un sentido explicativo, más como una sonda con la cual explorar el universo de las emociones inconscientes presentes en el campo del grupo. Las imágenes o los relatos acerca de juegos usados en esa modalidad particular surgen como un camino atractivo y eficaz para facilitar el desarrollo de la función alfa de cada uno de los miembros del grupo. Además, y en ese sentido, crean condiciones para que los padres tomen conocimiento de sus emociones inconscientes que les fueron transmitidas a los niños y expresadas a través de la sintomatología. Al pequeño grupo de sujetos comprometido en un análisis de niños, la posibilidad de oscilar en un campo dual-grupal, les permite vivenciar una experiencia compartida del conocimiento así como también su creatividad conjunta volcada hacia el conocimiento de la verdad emocional (O).

Palabras clave: dibujos de niños, teoría del campo dual-grupal, sueño, verdad emocional, mapeo inconsciente

### **The use of child drawings to explore the dual<->group analytic field in child analysis**

Abstract: Awareness that the child is part of a complex relational system has ensured that all child analysts agree on the necessity of establishing a therapeutic alliance with the parents. Unconscious conflictual dynamics involve the child analyst and include him, from the time of the initial consultation, in an analytic field that is closer to that of a group than to the bi-personal set-up of therapy with adults. Through a clinical example, the author hypothesizes that the child's drawings and play can be viewed as tools capable of mapping the unconscious emotions present in an analytic field that extends beyond the analyst-child couple. Play and drawings can be used in the relationship with the parents not in an explanatory sense, but as a probe with which to explore the universe of unconscious emotions present in the group field. The images or the story of the play used with this particular modality prove to be an attractive pathway that is effective in facilitating the alpha function of each of the members of the group. Furthermore, in this sense, they create the conditions for an occasion through which the parents can become more aware of their own unconscious emotions that have been entrusted to the child and expressed through his symptomatology. The possibility for the little group of subjects involved in a child analysis for oscillation in a dual-group field permits not only a shared experience of knowledge, but also a shared creativity aimed at knowledge of emotional truth (O).

Keywords: child drawing, dual-group field theory, dream, emotional truth, unconscious mapping

### **Referências**

- Altman, N. (2000). Relational horizons in child psychoanalysis. *J. Infant Child Adolesc. Psychoter.*, 2, 29-38.
- Ambrosiano, L. (1998). L'intreccio tra teoria ed esperienza clinica. *Riv. Psicoanal.*, 44, 41-66.

- Badoni, M. (2002). Parents and their child – and the analyst in the middle. *Int. J. Psychoanal.*, 83, 1111-31.
- Baranger, M. & Baranger, W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. *Rev. Urug. Psicoanal.*, 4, 3-54.
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups*. Londres: Tavistock.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Londres: Tavistock.
- Bleger, J. (1967). *Simbiosis y Ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós.
- Bonaminio, V., Carratelli, T., Gianotti, A. (1989). Equilibrio e rottura dell'equilibrio nella relazione tra fantasie inconscie dei genitori e sviluppo normale e patologico del bambino. In M. Bertohm, F. Neri, I. Salzberg-Wittenberg (Orgs.), *Fantasie dei genitori e psicopatologia dei figli* (pp. 67-89). Roma: Borla.
- Chazan, S. E. (2006). Searching for togetherness: The simultaneous treatment of a mother and her early adolescent daughter. *Psychoanal. Inq.*, 26, 70-91.
- Corrao, F. (1971). *Introduction to experiences in groups*. Roma: Armando.
- Corrao, F. (1998). Duale – gruppale. In F. Corrao, *Orme II* (pp. 166-183). Milão: Cortina. (Trabalho original publicado em 1993)
- Corrao, F. (1989). Morphology and transformations of psychoanalytic models. *Riv Psicoanal*, 35, 512-544.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. Londres: Tavistock.
- Ferro, A. (2005). Which reality in the psychoanalytic session? *Psychoanal. Q.*, 74, 421-442.
- Ferro, A. (2008). The patient as the analyst's best colleague: Transformation into dream and narrative transformations. *Ital. Psychoanal. Annu.*, 2, 199-205.
- Frankel, J. B. (1998). The play's the thing: How the essential processes of therapy are seen most clearly in child therapy. *Psychoanal. Dialog.*, 8, 149-182.
- Galatzer-Levy, R. M. (2008). The nuts and bolts of child psychoanalysis. *Ann. Psychoanal.*, 36, 189-202.
- Goldberg, P. (1995). Successful' dissociation, pseudovalidity, and inauthentic use of the senses. *Psychoanal. Dialog.*, 5, 493-510.
- Grinberg, L. (1997). Is the transference feared by the psychoanalyst? *Int. J. Psychoanal.*, 78, 1-14.
- Grotstein, J. S. (2004). The seventh servant. *Int. J. Psychoanal.*, 85, 1081-1101.
- Guntrip, H. (1968). *Schizoid Phenomena, object-relations and the self*. Madison, CT: International UP.
- Hellman, I., Grinberg, R., James, M., Maenchen, A., Solnit, A. J. & Kestemberg, E. (1972). Panel: The role of aggression in child analysis. *Int. J. Psychoanal.*, 53, 321-323.
- Hopkins, L. B. (2000). Masud Khan's application of Winnicott's 'play' techniques to analytic consultation and treatment of adults. *Contemp. Psychoanal.*, 36, 639-663.
- Kaës, R. (2009). *Les alliances inconscientes*. Paris: Dunod.
- Neri, C. (2002). Libere associazioni, catene associative e pensiero di gruppo. *Riv. Psicoanal.*, 48, 387-402.
- Novick, K. & Novick, J. (2005). *Working with parents makes therapy work*. Nova York: Aronson.
- Ogden, T. H. (2007). On talking-as-dreaming. *Int. J. Psychoanal.*, 88, 575-589.
- Otte, M. J. (1999). The child psychoanalyst as clinician: The perils of parental projection. *Ann. Psychoanal.*, 26, 201-217.
- Sugarman, A. (2003). Dimensions of the child analyst's role as a developmental object: Affect regulation and limit setting. *Psychoanal. Stud. Child*, 58, 189-213.
- Vallino, D. (2010). *Fare psicoanalisi con genitori e bambini*. Roma: Borla.
- Weiss, S. (1995). On the resistance to child analysis: Problems of the parent and the analyst. *Ann. Psychoanal.*, 23, 79-91.
- Winnicott, D. W. (1958). Hate in the countertransference. In D. W. Winnicott, *Collected papers: Through pediatrics to psychoanalysis* (pp. 194-203). Londres: Tavistock. (Trabalho original publicado em 1947)

Winnicott, D. W. (1965). Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites. In D. W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development* (pp. 179-192). Londres: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1963)

Traduzido do inglês por Márcia Maria de Oliveira Zuzarte<sup>8</sup>

Elena Molinari  
Viale Campari, 10/C  
27100 Pavia, Itália  
elena.molinari@spiweb.it

Recebido em: 3/12/2013

Aceito em: 10/12/2013

8 Membro filiado da Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP.